



597, 10.06.2020
da 9:24h

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 12020

Concede a Medalha do Mérito Cultural e Patrimônio de Belém à SUPER RÁDIO MARAJOARA.

A CAMARA MUNICIPAL DE BELÉM estatui e a mesa promulga e publica o seguinte decreto legislativo:

Art. 1º Fica concedida a Medalha do Mérito Cultural e Patrimônio de Belém à **SUPER RÁDIO MARAJOARA.**

Art. 2º A honraria de que trata o presente Decreto Legislativo, será entregue em sessão solene, a ser realizada no salão Plenário da Câmara Municipal de Belém, em dia e hora previamente designados.

Art. 3º Este Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação,

Câmara Municipal de Belém, Salão Plenário Lameira Bittencourt, em 18 de março de 2020.

Vereador Amaury da APPD - PT

4º SECRETÁRIO DA CMB

JUSTIFICATIVA

HISTÓRICO DA SUPER RÁDIO MARAJOARA

JUSTIFICATIVA

HISTÓRICO DA SUPER RÁDIO MARAJOARA

Já traz no nome uma marca forte do rádio, Costa Filho, mesmo nome de Antônio Maria Zacarias Costa Filho, radialista que fez sucesso na Rádio Liberal AM. Em 1963 Adamor começa na Rádio Marajoara. Sua tarefa inicial é atuar em radionovelas. Em 64 achou o caminho que trilharía com sucesso no rádio: a área policial. Entre os nomes de destaque na época do início da carreira de Adamor, estão Tacimar Cantuária e Iracema Oliveira. Em 70 Adamor vai para a Rádio Liberal e em seguida para a Rádio Clube do Pará e depois de 10 anos volta para a Marajoara. Nesse meio tempo, Adamor ingressa em outra área que também tivera destaque: a política. Em 1977 foi eleito vereador, o primeiro mandato de 4 que viria a ter, sendo os dois últimos já na década de 80. O “Danado”, como ficou conhecido, por seu estilo de falar tudo, sem temer ninguém, passou por quase todas as emissoras de Belém. O radialista alcançou sucesso com o programa “A patrulha da cidade”, da Rádio Marajoara. Foram mais de 10 anos de carreira radiofônica no comando desse programa policial. Outras atividades de Adamor Filho foram na TV Boas Novas e no Jornal Popular, com a “Coluna do Danado”.

Super Rádio Marajoara

Super Rádio Marajoara é uma emissora de rádio brasileira sediada em Belém, capital do estado do Pará. Opera no dial AM, na frequência 1130 KHz, e pertence ao Grupo Carlos Santos, do empresário Carlos Santos. Seus estúdios localizam-se no bairro da Campina, e seus transmissores estão no bairro Condor.

História

A Super Rádio Marajoara foi inaugurada em 6 de fevereiro de 1954 pelos Diários Associados, na época sob o comando de Assis Chateaubriand, que já detinham os jornais A Província do Pará e A Vanguarda.^[1] Sua programação era voltada a programas de auditório, radionovelas, jornalísticos e coberturas esportivas, assumindo durante mais de vinte anos a liderança do dial belenense. No início da década de 1980, os DA atravessam uma crise

<https://ver-o-fato.com.br/adamor-filho-e-patrolha-da-cidade/>

Euclides Farias – jornalista

Fui repórter de polícia no começo da década de 1980 e o tema do suicídio no noticiário sempre foi preventivamente abandonado. Uma convenção não escrita, espécie de acordo de cavalheiros entre jornalistas e jornais, decretou que suicídios – atos brutais de arbítrio individual – não eram notícia de interesse público e não seriam publicados. Não se sabe, precisamente, quando, como, por que e onde o pacto profissional começou. No tempo em que percorri as ruas de Belém nos fusquinha azul e branco do Liberal como repórter policial, dizia-se que as notícias de suicídios turbinavam a ânsia de suicidas à beira do abismo. Por isso, o freio de arrumação. O batalhão de repórteres setorizados chegava ao PSM ou ao IML e os próprios servidores se encarregavam de estancar a avidéz. “Tem um aí, mas foi suicídio”. Havia exceções, porém. O radialista Adamor Filho, um dos maiores nomes do radiojornalismo policial do Pará, não se importava muito com essa convenção da profissão em torno do suicídio. Ressuscitei Adamor ao lembrar que hoje, em algumas regiões do país, coleguinhas e empresas sensacionalistas estão atirando o acordo na lata do lixo.

Adamor e o seu “A Patrulha da Cidade”, da Rádio Marajópara, eram um escândalo de audiência no rádio. Bem na hora do almoço. Durante o dia, desde a madrugada, ele entrava com matérias sobre o submundo da cidade sempre que a morbidez do fato justificasse uma nova notícia. Teste para cardíaco, o programa dele mantinha grudados no rádio ouvintes cativos, de qualquer idade. Os mais velhinhos se agarravam às últimas forças para chegar vivos ao fim do programa de uma hora de pura tensão, altíssima tensão. Eu mesmo tinha uma tia idosa que ficava a ponto de um AVC, mas não perdia um programa. O suicídio que Adamor noticiava, quando não havia “notícias melhores”, era anunciado ao longo do programa por teasers (aperitivos) pensados para aumentar a audiência. Subiam, por tabela, a adrenalina e a angústia do ouvinte. Narrado dramaticamente, com a voz que Adamor artificialmente impostava para ficar ainda mais grave, o suicídio era o prato principal. Naquele tempo, em Belém, dez entre dez suicidas escolhiam o

edifício Manoel Pinto. Era o cenário perfeito para a novela para contar o gesto mais capital da fraqueza humana. Certamente sádico, ele noticiava para seus masoquistas ouvintes o suicídio em capítulos! A tortura para uns e o completo deleite para outros demorava uma hora de programa. Ao microfone, com música fúnebre vibrante subindo sempre para preencher as longas pausas do radialista, Adamor justificava o apelido de “O Danado” e deixava o programa do jeito que o diabo gosta. — O corpo... (sobe som de terror)... se projetou no vácuo... Entre o arremesso e o desfecho fatal, no asfalto da Serzedelo Corrêa ou do início da avenida Nazaré ou, ainda, alguma pedra de marquise no meio do caminho, Adamor fazia o escambau ilustrado ao microfone. Ia da tragédia ao humor negro e à evidente invasão de privacidade do morto, tudo em nome da concorrência e, claro, do interesse público expresso pelo altíssimo índice de audiência. ... e se estatelou... numa poça de sangue rubro! Ai, o controlista da rádio subia o som total, fazendo uma barulheira infernal, enquanto as velhinhas se seguravam nas cadeiras das mesas da cozinha e nos sofás da sala, a um passo do cataclisma e de virarem notícia no programa predileto. Dono de um fardo incomum para a reportagem policial, Adamor entrou para a história do rádiojornalismo como um fenômeno de audiência, fato que o levaria a quatro mandatos de vereador em Belém nos anos 1970 e 1980. Começou no rádio em 1963, como radiador. Então, para ele, romancear um suicídio era fchinha. Depois de mais de 40 anos no rádio, percorrendo quase todas as emissoras para retornar no fim da carreira à Marajoara (cada emissora daria um livro), o hipertenso Adamor morreu no dia 31 de julho de 2006, na praia do Caripi, em Barcarena, onde passava as férias. Foi alcançado em pleno sono por um infarto. O corpo veio por ironia para um lugar para um lugar que, modo de dizer, testemunhou silenciosamente todos os dias a brilhante carreira do radialista: o IML.

Que a terra lhe seja sempre leve.

<http://www.oparanasondasdoradio.ufpa.br/adamordanado.htm>

Adamor da Silva Costa Filho – “O Danado” (radialista)